

Articulação dos Fundamentos da alfabetização a partir de uma Tecnologia Educacional

Natalia de Souza Duarte¹

Eixo temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Trata-se de artigo com os primeiros achados de uma Pesquisa-Ação em curso em uma escola pública de anos iniciais do DF. A partir do ciclo de investigação-ação propõe organização do trabalho pedagógico de alfabetização com estratégias de agrupamento inicial e reagrupamento inter e intraclasse na perspectiva do letramento considerando os fundamentos fonêmicos, cognitivos, linguísticos e decoloniais a partir de uma tecnologia educacional.

Palavras-chaves: Alfabetização; Letramento; Tecnologia Educacional.

Introdução

A alfabetização na perspectiva do letramento é condição de escolaridade e direito das crianças, jovens e adultos. Entretanto, o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita não é assegurado a todas as crianças nas escolas brasileiras, especialmente as que se encontram em situação de pobreza e em territórios urbanos vulneráveis. Essa violação é multideterminada, mas relaciona-se com a precarização e intensificação do trabalho docente realizado sem as condições objetivas necessárias: uma professora que domine e organize o trabalho pedagógico de alfabetização autonomamente a partir de recursos pedagógicos e tecnologias educacionais disponíveis para a construção de um ambiente alfabetizador que instigue e apoie a aprendizagem do complexo objeto cultural da escrita.

Após quatro anos de gestão da extrema direita neoconservadora e uma pandemia, a gestão federal negacionista com compreensão tecnicista e restritiva da alfabetização agravou os resultados educacionais já desiguais por gênero, raça, etnia, território e classe social, inclusive na alfabetização. Segundo o estudo Internacional de Progresso em Leitura

¹Doutora em Política Social (UnB). Professora aposentada da SEDF e Professora Colaboradora da UnB. Contato: nataliasduarte@gmail.com

- PIRLS 2021 (INEP, 2023), o Brasil alcançou compreensão leitora inferior a 58 do total de 65 países e regiões de referência participantes desta avaliação. A pontuação média alcançada pelos nossos estudantes ficou no Nível Baixo da escala de proficiência do PIRLS, com compreensão leitora imediata de textos literários e informativos 'fáceis' com capacidade apenas de localizar informações explícitas. Em desempenho, 38% dos estudantes **não** dominavam as habilidades mais básicas de leitura, em contraposição a apenas 5% entre os 21 países de maior capacidade.

Os baixos resultados brasileiros nas avaliações internacionais precisam ser considerados, desde que analisados criticamente. Por exemplo, nossa desigualdade e pobreza impactam profundamente nossa baixa e desigual proficiência (DUARTE, 2013). Seguindo com o PIRLS – 2021, enquanto a distribuição dos estudantes nos três Níveis Socioeconômicos (NSE) Alto, Médio e Baixo é de, respectivamente, 30%, 48% e 22%; no Brasil detemos 5% de estudantes de NSE Alto, 31% Médio e incríveis 64% de crianças em situação de pobreza. Além de que no desempenho brasileiro, o impacto da pobreza na proficiência dos estudantes é ainda superior: apresenta um desvio padrão (σ) de 1,5 contra 0,8 nos 21 países de referência. Lembrando que, no Brasil, 17,4 dos 34 milhões de estudantes da educação básica eram pobres e beneficiários do programa Bolsa Família e viviam com menos de $\frac{1}{4}$ de salário-mínimo por mês (DUARTE, 2020).

A esse cenário desolador se contrapõem esperanças com a eleição de um projeto democrático comprometido com a positividade de direitos, enfrentamento da responsabilização docente e mudança da concepção tecnicista de alfabetização. Dentre as imensas necessidades de reconstrução da política educacional a partir do PNE, trataremos aqui do esperar de uma pesquisa-ação, em andamento, sobre a organização do trabalho pedagógico de alfabetização na perspectiva do letramento a partir de uma tecnologia educacional.

2 Fundamentação teórica - A alfabetização na perspectiva do letramento

O processo de alfabetização, ainda que se inicie formalmente na escola, começa bem antes, por meio das diversas leituras que a criança faz do mundo que a cerca desde o momento em que nasce (MATA, 2019). Para adentrar no universo da leitura e da escrita duas vias simultâneas precisam ser percorridas, sendo a primeira a alfabetização e a segunda o letramento (SOARES, 2003). “Nesse sentido é preciso marcar posicionamento diante de uma nova realidade que se espera construir com práticas decoloniais que denunciam as contradições de classe, raça, etnia, gênero e território de um cotidiano patriarcal e racista”

(DUARTE e MENDES, 2022, p. 3).

A alfabetização na perspectiva do letramento organiza o trabalho pedagógico a partir de diferentes práticas apoiando a aprendizagem do fundante e complexo objeto cultural construído a partir de uma organização singular de signos gráficos que representam os sons da fala – o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Essa pesquisa-ação propõe, além de formação continuada a partir do PPP da Escola, uma Tecnologia Educacional disponibilizada em cada sala de aula para, ao tempo em que minimiza a precariedade de materiais pedagógicos disponíveis, articula os fundamentos da alfabetização na perspectiva do letramento.

Dos fundamentos cognitivos, fonêmicos e linguísticos da alfabetização na perspectiva do letramento

Soares (2014) afirma que a alfabetização é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita e das normas que regem seu emprego. Nessa pesquisa consideramos seus fundamentos como sendo cognitivos, fonêmicos, linguísticos e decoloniais e o trabalho docente como complexo, envolvendo gestão e organização de conteúdos, conhecimento de metodologias, definição de objetivos, avaliação, intencionalidade, materiais didáticos, equipamentos, tempos e espaços educativos, além de sensibilidade para culturas convergentes e divergentes da comunidade escolar sempre em disputa. Para Oliveira (2004), o trabalho docente atual se dá com responsabilização, intensificação, flexibilização, desprofissionalização, precarização e proletarização do trabalho docente.

O cerne dos **fundamentos cognitivos** na alfabetização refere-se ao processo de aprendizagem do SEA. Albuquerque, Morais e Ferreira (2008), entendem que a apropriação do SEA ocorre por meio de um processo construtivo e apontam a psicogênese (FERREIRO e TEBEROSKY, 1984) como majoritariamente reconhecida no ambiente escolar. A consideração dos fundamentos cognitivos requer autonomia e interação do estudante com diferentes suportes pedagógicos e tecnologias educacionais, diversidade de práticas sociais e gêneros textuais, além de muitas oportunidades de atuação e reflexão constante sobre como funciona o SEA. Grossi (1995) e Duarte (2000 e 2007) fizeram releituras da psicogênese, incorporando, níveis, períodos (fonetização fina e grossa) e estágios (Não Alfabetizado e Alfabetizado).

Os **fundamentos fonêmicos** sustentam o trabalho pedagógico para o desenvolvimento da consciência fonológica, definida por Morais (2014) como a capacidade

de refletir sobre e representar os segmentos sonoros das palavras que pronunciamos. Para avançar em direção à escrita é necessário que a criança opere e reflita sobre letras (nome, formato, sons, tipos) estabelecendo a relação grafema/fonema e segmentando “as palavras em sílabas orais, contá-las, observar os sons que compõem aquelas sílabas, a fim de buscar letras que poderiam notar os mesmos” (Morais, 2014, s/n). Esse percurso exige um intenso, sistemático e intencional trabalho pedagógico com essa finalidade que deve estar presente em todos os anos iniciais do ensino fundamental.

Os **fundamentos linguísticos** são os conhecimentos que permitem a professora² dominar e desenvolver, das mais variadas formas, os elementos linguísticos envolvidos na alfabetização na perspectiva do letramento. São eles: letras, sílabas, palavras, frases, gêneros, leitura e escrita. Os elementos linguísticos precisam ser organizados e disponibilizados de forma cotidiana a fim de permitir à criança múltiplas experiências, interações, operações e fruições que viabilizam a imersão no complexo objeto cultural da escrita.

Os **Fundamentos decoloniais** sustentam a dimensão política da alfabetização (FREIRE, 2014) na perspectiva do letramento que reconhece as interseccionalidades dos marcadores estruturais de gênero, raça, etnia e a colonialidade como elementos fundantes de nossa sociabilidade. Implica em ver a situação de pobreza no interior de cada sala de aula de cada escola (DUARTE, 2020), saber e adotar práticas pedagógicas de reconhecimento, acolhimento, resistência e garantia de direitos e somar-se a mulheres, povos originários, comunidades tradicionais, do Campo, da periferia e LGBTQIA+ no enfrentamento dos preconceitos, desigualdades e da pobreza. É adotar uma pedagogia decolonial - “práxis baseada numa insurgência educativa propositiva - portanto, não somente denunciativa - em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento” (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, p.28).

3 Metodologia

A Pesquisa-Ação que ora se apresenta está em curso em uma escola pública de anos iniciais do Distrito Federal, prevista para acontecer nos anos letivos de 2023/2024. A Escola tem organização escolar “ciclada” dos anos iniciais: 1º Bloco – Bloco Inicial de Alfabetização (BIA): 1º, 2º e 3º anos; e 2º Bloco – 4º e 5º anos. A escola em tela atende, em sua comunidade escolar, a 320 crianças de diferentes extratos sociais e territórios, sendo 16 estudantes

² Mesmo havendo docentes masculinos na Escola, utilizamos o feminino em função de sermos imensa maioria em exercício nos anos iniciais nessa Escola e no Brasil.

indígenas da Terra Indígena Urbana Santuário dos Pajés e 3 crianças emigrantes.

Para Tripp (2005) “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, 445). O objetivo da pesquisa é **possibilitar a reorganização do trabalho pedagógico de alfabetização na perspectiva do letramento considerando os fundamentos fonêmicos, cognitivos, linguísticos e decoloniais a partir da Tecnologia Educacional “O Pulo do Gato: jogos para alfabetizar (TEPG)” assegurando aprendizagens para todas e cada uma das crianças**. A partir do ciclo de investigação-ação, avalia-se, planeja-se, implementa-se, descreve-se e reavalia-se a aprendizagem das habilidades de entender e utilizar as formas da linguagem escrita para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática pedagógica quanto da própria investigação. As principais estratégias utilizadas são o agrupamento e reagrupamento intra e interclasse por zonas de saberes a partir dos 31 jogos da TEPG. Participam da pesquisa 16 professoras de 16 turmas do 1º ao 5º.

4 Resultados e Discussão

O agrupamento para o ano letivo de 2023, foi realizado após processo de avaliação diagnóstica das crianças ancorada na releitura da psicogênese de Duarte (2007), de modo a possibilitar a organização das turmas de acordo com suas realidades e necessidades de aprendizagem, independentemente do ano em que estão matriculadas, considerando os aspectos: emocionais, cognitivos, sociais e socioeconômicos. A criança cujo desenvolvimento acadêmico está além ou aquém da turma em que está matriculada foi agrupada em turmas com crianças em nível de desenvolvimento aproximado.

A realização do agrupamento foi aprovado no último Conselho de Classe ocorrido em 2022 onde as professoras relataram a dificuldade em se trabalhar com crianças muito divergentes do núcleo comum de conhecimento da turma sobre o SEA. Um dos critérios estabelecidos foi que o agrupamento das turmas ocorresse após o período de avaliação diagnóstica. Na prática a criança matriculada no 1º ano e já alfabetizada pode ser agrupada em uma sala em que as crianças estejam nessa zona proximal de aprendizagem. Os estudantes matriculados no 3º ano que não estão alfabetizados foram reagrupados em turmas iniciais, respeitando os Blocos do BIA. Os matriculados no 4º ano e que apresentaram um desenvolvimento proximal de aprendizagem além foram agrupados em turmas do 5º ano. Ao todo, foram remanejadas 53 crianças na escola. Ou seja, 17% das crianças estavam em espaços não adequados para suas aprendizagens: 24 crianças estavam além do núcleo

comum de sua turma e 25 aquém.

A partir do agrupamento, a escola inicia agora no mês de junho, os reagrupamentos. A greve adiou essa etapa da pesquisa, mas entendemos o movimento - que teve adesão de 100% das docentes da Escola - como legítimo, importante e necessário. Os reagrupamentos podem ser intra e interclasse e compõem as diretrizes operacionais do BIA: “os reagrupamentos não buscam a homogeneidade, mas a necessidade de diferenciação e individualização de práticas voltadas às reais necessidades dos estudantes” (GDF, 2014, p. 56).

O Reagrupamento intraclasse se dá por meio da formação de grupos de crianças de uma mesma turma, durante o horário das aulas, com acompanhamento da professora regente. As atividades podem ser as mesmas para todos os grupos, porém com comandos distintos, conforme o processo de aprendizagem de cada criança ou grupo ou propostas de desafios diferentes para cada grupo. O que determina o trabalho que será desenvolvido é o diagnóstico das necessidades e possibilidades de aprendizagem realizado, articulando cada grupo aos jogos da TEPG adequados à Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1987) dos estudantes do grupo.

O Reagrupamento interclasse ocorre duas vezes por semana e se dá por meio de formação de grupos de crianças entre turmas (não importando o ano ou bloco, mas as necessidades de aprendizagem das crianças) durante o horário das aulas. O reagrupamento interclasse fortalece a interlocução entre os professores/as que dele participam e estimula a corresponsabilidade da escola na aprendizagem de todas as crianças, ou seja, o espírito de coletividade próprio de uma comunidade de aprendizagem. Tanto o reagrupamento intraclasse como o interclasse utilizam a TEPG.

Para a consecução das estratégias de reagrupamento realizou-se, na semana pedagógica em fevereiro de 2023, a formação das docentes sobre os fundamentos da alfabetização na perspectiva do letramento e sobre TEPG³. A TEPG é recomendada pelo Guia de Tecnologias Educacionais do MEC (2011/2012). É uma metodologia ativa que permite atuação na ZDP e composta de 31 jogos e um manual simplificado, além de Livro (DUARTE et al, 2010). Concretiza o trabalho pedagógico de desenvolvimento da consciência fonêmica operando grafema e fonema de diversas e lúdicas maneiras; a consciência linguística por meio de diversidade de jogos de letras, sílabas, palavras, frases, pontuação, morfologia e tipos textuais; a consciência decolonial pelo reconhecimento e valorização de nossa diversidade com destaque para povos originários e do campo; e, articula cada jogo ao

³ Para saber mais sobre a Tecnologia Educacional O Pulo do Gato: jogos para alfabetizar consultar http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9909-guias-tecnologias-2011-12&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192

processo de aprendizagem, utilizando o erro como estratégia didática, propondo intervenções que dialogam e provocam as hipóteses construídas pelos estudantes.

A pesquisa encerra-se em dezembro de 2024 e novas socializações ocorrerão à medida que a sistematização dos achados forem acontecendo. Mas essa fase inicial da pesquisa nos permite confirmar que a ampliação de materiais didáticos e tecnologias educacionais diversificadas e provocativas aliadas a uma sustentação teórica e formação continuada de professores com um projeto político pedagógico comunitário são elementos fundamentais na melhoria dos resultados nas competências escritoras e leitoras dos estudantes.

5 À guisa de Considerações Parciais

A pesquisa-ação em andamento em uma Escola Pública do Distrito Federal, parte da compreensão de que a alfabetização na perspectiva do letramento assenta-se sob fundamentos cognitivos, fonêmicos, linguísticos e decoloniais que necessitam de condições objetivas materiais para a organização do trabalho pedagógico, no caso, a Tecnologia Educacional O Pulo do Gato: jogos para alfabetizar. A partir do ciclo de investigação-ação, as docentes realizaram avaliação diagnóstica dos estudantes, planejaram e implementaram o agrupamento escolar e estão realizando reagrupamentos inter e intraclasse utilizando a metodologia ativa TEPG.

A alfabetização na perspectiva do letramento implica em habilidades de entender e utilizar as formas da linguagem escrita exigidas pela sociedade e de construir sentido a partir de perspectiva crítica e decolonial. Essa perspectiva implica na organização do trabalho pedagógico que reconhece as interseccionalidades de nossa sociabilidade e compromete-se com uma sociedade livre, justa, igualitária, que adota, considera e valoriza nossa diversidade.

Esperamos que a alfabetização na perspectiva do letramento sustentada em seus fundamentos cognitivos, fonêmicos, linguísticos e decoloniais colabore com a autonomia pedagógica de professoras para superarem a falácia da questão de métodos e organizarem trabalho pedagógico decolonial desde o primeiro ano do ensino fundamental.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? Revista Brasileira de Educação, v. 13, p. 252-264, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Brasil no PIRLS 2021: Sumário Executivo. Brasília, DF: Inep, 2023.

DUARTE, N. O professor e o erro. Departamento de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, Dissertação de Mestrado, 2000.

_____. O Professor e o erro no processo de alfabetização. In: SCHOLZE, L. e RÖSING, T. M. K. Teorias e práticas de Letramento. Brasília: INEP/UPF, 2007.

_____. Dos afetos da iniciativa EPDS. In: PILATI, A.; BISINOTO, C.; SOUSA, L. e DUARTE, N. Educação, pobreza e desigualdade social: a iniciativa EPDS na Universidade de Brasília V. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. p.09 – 16. Disponível em <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/55>. Acesso em 04/12/2022.

_____. O impacto da pobreza no Ideb: um estudo multinível. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP, v. 94, p. 343-363, 2013.

DUARTE, N. E MENDES, L. Fundamentos Decoloniais da alfabetização na perspectiva do letramento. Revista Educação Básica em Foco, V.3, nº4, out./dez. de 2022.

FERREIRO, E & TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, Paulo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GROSSI, E. P. (Org.). O passo no escuro do aprender: ato solidário de audácia, entrega e prazer. In: Celebração do conhecimento na aprendizagem: GEEMPA, 25 anos. Porto Alegre: Sulina, 1995.

KLEIMAN, Angela B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org.). Os significados do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 15-61.

MORAIS, A. G. Consciência Fonológica na Alfabetização. In: FRADE, I.; VAL M. e BREGUCI M.. Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação. UFMG, Belo Horizonte, 2014. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/> Acesso em 01/12/2022.

OLIVEIRA, D. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> . Acesso em 05/011/2022.

OLIVEIRA, L. e CANDAU, V. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no BRASIL. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26, n.01, 2010. p.15-40. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt> . Acesso em 08/12/2022.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas, MG. Anais [...]. Poços de Caldas, MG: 2003. Tema: Alfabetização, Leitura e Escrita.

TRIPP, D.. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação E Pesquisa, 31(3), 443–466. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702200500030000> .

VIGOTSKY, L. S.. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.